



MBYÁ GUARANI EM BUSCA DO YVY MARÃE“Y: MÚLTIPLOS LUGARES E TEMPOS, DIFERENTES CONTEXTOS E ESPAÇOS, TRILHANDO SONHOS E ESPERANÇAS¹

Rosalvo Ivarra Ortiz

Universidade de São Paulo
rosalvortiz@hotmail.com

Almires Martins Machado²

ateguara@gmail.com

RESUMO: Torna-se axiomático que não há como elementos irreduzíveis. Assim, a uma linearidade no que tange a crítica refere-se à utilização que o autor faz interiorização, a dispersão e a caminhada de dados de etnografias do começo do Guarani a posteriori ao processo de século XX, especialmente de Curt colonização, onde ocorreram somente sob o Nimuendaju, ([1914]-1987), para signo de “relutância” a essa ou por outras preencher hiatos nas fontes históricas dos indagações, como dissensos internos ou séculos XVI e XVII, nos relatos de motivação cosmológica, assim como se o missionários, aventureiros e viajantes- *Oguatá* (caminhar/andar/percorrer) portanto, pressupõe a existência desse transcorriam antes da chegada dos sistema, a considerar que insiste na colonizadores e se aconteciam, quais seriam importância da força religiosa pela busca as razões/causas/motivos? Para possíveis dessa tão sonhada terra, aponta como sendo respostas vem a luz a contribuição de o fato motivador das migrações realizadas Pompa (2004), que através da pelos Tupi-Guarani durante esse primeiro contextualização e historicização dos período de contato. É nesse sentido que o trabalhos clássicos da etnologia Tupi- presente artigo segue, levanta uma série de Guarani do início do século XX, critica a questões geográficas, históricas e resposta elaborada por Métraux (1967) que antropológicas acerca dos Guarani *Mbyá* da apresentou os Tupinambá ou Tupi do Amazônia Meridional paraense, sobretudo, período colonial- os Guarani do Paraguai e mas também perpassam pelos Guarani de do Sul do Brasil, como possuidores de um Mato Grosso do Sul e os Guarani praiheiros de único sistema, no qual a narrativa da terra São Paulo. sem mal e o messianismo são considerados

¹ Pequena parte deste texto foi publicado inicialmente em 2015- por Almires Martins Machado. Esta versão foi reformulada, onde novos elementos foram incorporados ao texto.

² Doutor em Antropologia e Mestre em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Membro do Núcleo Jurídico do Instituto Indígena Brasileiro para a Propriedade Intelectual (INBRAPI). Pertencente à etnia Guarani e Terena. E-mail: ateguara@gmail.com

Palavras-chave: Guarani; Cosmologia; Busca da terra sem mal.

ABSTRACT: There is no uniformity in terms of internalization, dispersion and the Guarani walk in the periods after the "conquest", where they occurred only under the sign of "reaction" to it or other inquiries, such as internal dissensions or cosmological motivation, as well as the Oguatá (walking) occurred before the arrival of the European colonizers and if they happened, what would be reasons? For possible answers to these questions, the contribution of Pompa (2004), who through the contextualization and historicization of the classic works of the Tupi-Guarani ethnology of the early 20th century, criticizes the response elaborated by Métraux (1967) who presented the Tupinambá or Tupi of the colonial period, the Guarani of Paraguay and the South of Brazil, as possessing a single system, in which the narrative of the land

without evil and messianism are considered as irreducible elements. Criticism of the author refers to his use of early 20th-century ethnographies, especially Curt Nimuendaju, ([1914] - 1987), to fill gaps in the historical sources of the sixteenth and seventeenth centuries in the accounts of missionaries and travelers; presupposes the existence of this system, considering that it insists on the importance of the religious force in the search for this long-awaited land, points out as the motivating fact of the migrations carried out by the Tupi-Guarani during this first period of contact. It is in this sense that the present article follows, raises a series of geographical, historical and anthropological questions about the Guarani Mbyá of the Southern Amazon of Pará, above all, but also, they pass through the Guarani of Mato Grosso do Sul and the Guarani praiheiros of São Paulo.

Keywords: Guarani; Cosmology; Search for the earth without evil.

“Nas Grandes Antilhas, alguns anos após a descoberta da América, enquanto os espanhóis enviavam comissões de inquérito para investigar se os indígenas tinham ou não uma alma/espírito, estes se dedicavam a afogar os brancos colonizadores que aprisionavam, a fim de verificar, por uma demorada observação, se seus cadáveres eram ou não sujeitos à putrefação” (LÉVI-STRAUSS, 1973).

Pulseira Guarani Mbyá- feitas de miçangas



Fonte: Arte Indígena Brasileira (2018).

Gênese arqueológica e histórica Guarani: tecendo uma discussão

A origem do povo Guarani é bastante emblemático em todos os sentidos- não há uma unanimidade ou uma verdade absoluta a respeito, mas as maiorias das investigações arqueológicas e históricas apontam que a etnia ainda como tupiguarani emergiu nas florestas tropicais dos afluentes do Alto Paraná, Alto Uruguai e nas margens do planalto meridional (SCHMITZ, 1982, p. 57). Assim, no entender de Susnik (1982) - no século V (anos 400 d.C), provavelmente a cultura Guarani teria se separado do *Tupi*- seguindo uma lógica própria de existência. Ainda na sapiência de Susnik (1982), as populações chamadas de proto-guarani que resultaram nos Guarani atuais, vista pela primeira vez no século XVI por não-indígenas- tratando-se dos colonizadores europeus-sobretudo os portugueses. Dessa forma, os principais estudiosos corroboram que desde do princípio os Guarani eram analisados como um povo que não ficam muito tempo num lugar específico- sempre a perambular e migrar-se pelas densas florestas que aqui se encontravam em outrora.

De acordo com o arqueólogo jesuíta Pedro Ignácio Schmitz (1982, p. 57), certamente o arqueólogo mais importante e influente no Brasil- quando os colonizadores europeus chegaram a “Nova Terra”, o povo Guarani ocupavam uma extensa faixa litorânea que iria desde de Cananeia em São Paulo até o atual Estado de Rio Grande do Sul, adentrando-se pelas bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai. Assim, na convergência dos rios Paraguai e Paraná entornavam-se pelas bordas oriental do primeiro e duas margens do Paraná-fronteira com São Paulo- dessa forma, o rio Tietê localizava- se, ao norte e o rio Paraguai ficava a oeste, a demarcar os limites de seus alcances territoriais.

Ainda no entender de Schmitz (1982, p. 57) - os dados arqueológicos mostram que nos anos 1000 e 1200 (d. C) estendendo-se a proporção sul, desde das cabeceiras dos rios Paraguai, Araguaia, Xingu e Arinos no oeste do território brasileiro- os Guarani ocupavam o sul do Brasil, norte da Argentina e porção oriental do território paraguaio. Por assim dizer, a partir das chegadas dos colonizadores, especialmente os portugueses e posteriores os espanhóis- a história do povo Guarani foi profundamente marcada pela *Missão Jesuítica*, sobretudo a submeter os Guarani ao processo de catequização e doutrinação- onde também marcou o processo que ficou conhecido por *Encomienda*- que era uma forma “legal” de escravizar os indígenas que se encontravam nas Terra Baixas das Américas.

Com o adentramento dos colonizadores na “Nova Terra” - os *Tekohá* (território Guarani) se tornaram um verdadeiro palco de disputas, onde milhares de vidas foram ceifadas, sangue foram derramados entre as pedras a colorir os rios e riachos, histórias se perderam no tempo, florestas foram devastadas, animais foram aniquilados, almas de perderam pelos bosques, memórias extinguíram-se para sempre- por fim as farturas se transformam em misérias, fomes e violências. A fauna e a flora que sempre ficaram aos cuidados dos Guarani- agora eram espaços de matança e disputas sangrentas- não somente, pois também eram enxergados pelos colonizadores com estratégias militares, pois a geografia era excelente para coibir a chegada de outro agente ou sociedade- vinda principalmente do “Velho Continente”, que eram vistas como inimigas.

Ainda em dialogo com Schmitz (1982, p. 57), em 1603 o governador do Paraguai enviou uma carta a solicitar as presenças dos missionários da *Companhia de Jesus*- com interesse de catequizar os Guarani que ali se encontravam a época, na intenção de inserir na sociedade paraguaia como trabalhador. Na interpretação de Thomaz de Almeida (1996) esse processo trouxe uma consequência terrível, onde houveram dispersões, inserir os Guarani forçadamente em diversos aldeamentos construídas pela “Companhia Aniquiladora” - isso fez com que a população Guarani dessa proporção praticamente fosse aniquilada, onde pouquíssimas resistiram esses cercos. Mas entendo, que nem tudo os que os padres dessa companhia fizeram foram equivocados, pois eles não permitiram que os Guarani fossem escravizados pelos *Encomenderos* de Assunção- posso ainda dizer que uma luz no fim do túnel começou a brilhar. Nesse sentido, Gadelha (1999) indaga que de 1608 a 1768, se constituíram dezenas de *Reduções Jesuíticas*, na época intitulada de *Províncias Paraguaias de Guairá*- que abrangem na época os seguintes territórios: Paraguai, São Paulo e Paraná; *Itatim* (Mato Grosso do Sul e Paraguai oriental); Paraná (Paraná e Santa Catarina) e a região de *Tapés* (Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraguai ocidental e norte da Argentina)- isso demonstram que a ocupação Guarani era gigantesco- fico a imaginar, quantas coisas se perderam e como o esse povo são resistentes- capaz de suportar tantas adversidades.



Figura I. Localização do Tekoá Pyau em Jacundá (Pará). **Fonte:** Google (2019).

O antropólogo, historiador e linguista espanhol jessuíta Bartomeu Meliá (1992), radicado no Paraguai desde de 1952 corrobora com a afirmação de que a separação destes grupos ocorreu no norte, seu ponto de partida e na qual se apóia é os estudos de glotocronologia e não em dados arqueológicos. Estes estudos têm como premissa que o local onde se encontra o maior registro de famílias lingüísticas aparentadas entre si é o local de origem de uma língua (MAGLIAZZI, 1982 apud MELIÁ, 1992, p. 16). Propõe que o tronco lingüístico *Tupi* se originou há cerca de 5.000 anos na região do Guaporé, entre os rios Ji-Paraná e Aripuanã, onde estes deságuam no rio Madeira; concorda assim com os que defendem a origem amazônica dos *Tupi-Guarani* e sua posterior separação.

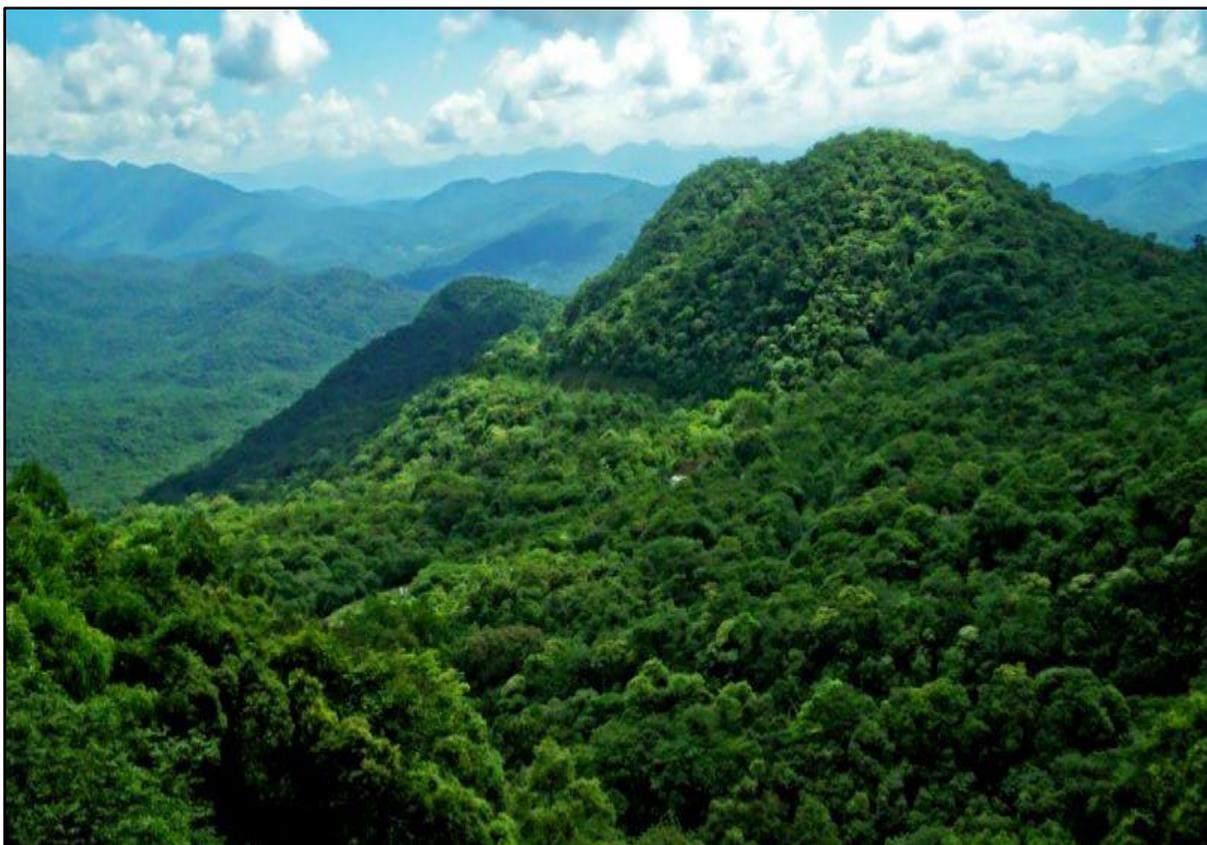


Figura II. Vista parcial da Floresta Amazônica, por onde passaram os Guarani em busca da terra isenta do mal. **Fonte:** Blog Conexão Planeta (2019).

A história do Guarani pré e pós contato, é marcada por movimentos de grandes caminhadas, chamados de movimentos “migratórios”, impulsionados por diferentes motivos como os elencados por Susnik:

Fatores perturbadores como superpopulação com a conseqüente maior disponibilidade de novas roças, calamidades naturais que incitavam ao novo Oguatá (caminhar) ou a pressão agressiva do gentio vizinho, reafirmava-se a estabilidade do Guára, circunstanciado à particularização de alguns traços culturo-ambientais (SUSNIK, 1980, p. 16).

Motivações que se apresentavam poderiam ser de ordem econômica, demográfica e de relações interétnicas, que incidiam diretamente sobre o início ou não de uma nova caminhada, provavelmente o fato gerador determinante estava na procura da *Yvy Marãe*“y (Terra sem Mal), conforme atesta Métraux (1979, p. 177): “nesse lugar, as plantas nascem por si próprias, corre o mel em abundância e todos os que a alcançam usufruem a felicidade”. Esse paraíso, essa morada celestial, também é possível de ser alcançada pelos vivos, através de *Mboraei* (cânticos), *Ñembo*“e (oração), sem passar pela morte. A crença

nesse paraíso, a terra sem mal, onde o aguije (plenitude celestial) é uma constante e ainda condiciona o pensamento do Guarani hodierno e o convence de que a qualquer momento *Ñanderu Ete* (nosso pai verdadeiro), por meio dos sonhos pode indicá-lo a seguir um novo caminho em busca da *Yvyju* (terra dourada, da luz). A caminhada portanto não era promovida por uma única razão, ou motivação.

Nesse contexto de sair em caminhada em busca da *Yvy Marãe'y* (terra sem mal), coloca em evidência a importância dos orientadores religiosos, *Ñanderu* (nosso pai), *Opyguá* (pertencente à *Opy*), *Karai* (homem bendito, sagrado), *Ñandesy* (nossa mãe) *Kuña Karai* (mulher bendita, sagrada), cuja orientação guiava os passos do guarani na direção da terra sem mal, que a princípio tinha a sua localização indicada pela tradição como sendo o leste, além do mar (atlântico), porém poderia ser em outra direção, como a região norte. Não são conhecidas, contudo, conforme afirma (CLASTRES, 1978, p. 68 - 69): “grandes migrações guarani para a terra sem mal na mesma época em que estas eram realizadas pelos Tupi. As únicas migrações religiosas atestadas na história pós colombiana dos Guarani datam do século XIX”.

A historiadora francesa Isabelle Combés recorda que Metraux indicava uma possível associação entre a procura pela terra sem mal, o guarani e o Inca. Poderia existir outra forma de migrações e ao que parece esse outro viés é pouco explorado até o momento, aponta que existiam outras formas de caminhar e com outros grupos aliados, com um objetivo bem delineado, considerando a procura por objetos e/ou produtos que não havia em suas terras, que de acordo com Combés:

Existen, de hecho, noticias tempranas y bastante numerosas sobre las migraciones dos itatines paraguayos (y de otros grupos aliados, como los xarayes del pantanal) en busca del metal hacia el oeste, antes que “García viniere del Brasil,” es decir que antes que lleguen los europeos. Buscaban, según sus propias palabras, a los candires y carcaraes, pero algunos de ellos se dirigieron, más hacia el norte, hacia los Mojos, hacia los parecis, donde les encontrarían más tarde, las expediciones cruceñas. Cuál era su meta? La misma “tierra rica” que se tenía noticias en Perú? Alcaya no duda de ello, cuando indica que 8.000 guaraníes llegados desde el Paraguay, “dos mil fueron a ver el rei Manco [inca]”, mientras los demás se quedaban por el Guapay e los alrededores de la primera Santa Cruz (COMBÉS, 2011, p. 103).

Próximo a este local indicado, a primeira Santa Cruz, os Guarani *Itatin* levantaram

acampamento e a partir daí afirma a autora, inicia as associações entre a terra sem mal, a busca por artefatos de metal e o guarani. Embora não seja meu objetivo discorrer sobre as possíveis e diferentes formas de ocorrer às grandes caminhadas entre outros Guarani, pois o foco é o *Mbyá* de Nova Jacundá/PA, cuja preemência é pelo modo de crer. Pensamos que não há nenhuma contradição em afirmar que houve etnia Guarani, que se entregaram a longuíssimas caminhadas ou mesmo expedições em busca de ouro, prata, libertar parentes aprisionados, há sim que se delinear muito bem qual das parcialidades se entregava a tal exaustão/fadiga, até mesmo para se desconstruir certos estereótipos que é associado ao Guarani, pois se considerar a afirmação de Julien:

Objetos de prata foram encontrados ao longo do que seria conhecido como Rio da Prata. Mais acima dos rios Paraná e Paraguai, prata e ouro podiam ser obtidos dos povos nativos. A procura por metais motivava as caminhadas a partir do oeste, mas não somente metais, também uma busca por cativos. Parece haver um padrão nessas expedições que saiam nessa procura em direção ao piemonte andino e nas terras baixas ao leste (JULIEN, 2007, p. 251 - 254).

Mediante isso- Almiros Martins machado enfatiza que estas leituras faz ele recordar -se que as afirmações acima se aproxima mais de sua parentela, os Guarani (*Ñandeva/Apapokuva*); o *Xe Ramõi* (avô)- assim ele continua a dizer que o avô falava que seus pais sempre lhe contavam das grandes caminhadas realizadas pelos *Ymaguare* (antigos) do Paraguai. Eram explorações, incursões de resgate de parentes que foram feitos prisioneiros ou de fazer prisioneiros para comércio, traziam objetos de metais obtidos com os moradores do *Yvytyguá* (moradores da montanha). A caminhada provavelmente se dava pelo peabiru ou o pea *Apynru* (nele coloco meus pés), narrava que eram muitos, centenas, talvez milhares, que saiam em busca de objetos metálicos que lhes revestiam de prestígio e distinção, metais que ele dizia ser *Itatí*, *Itá Morotín* ou *Itatim* (metal branco), que penso ser objetos de prata e os de *Itaju* (pedra amarela, ouro). Destacou também ao lembrar que me mostraram potes/combucas, cheias de moedas de ouro que foram trazidas pelos antigos, que poderiam ser também do período da Guerra

do Paraguai³ e hoje estão enterradas em algum lugar da aldeia, é o que chamamos de *Lopere*⁴ ou de guardados. Almiros também indagou que já foram indicados locais de vários deles, mas confessa não ter coragem de desenterrá-los em razão de seus *Jaras* (donos ou guardiões), poderem se enfurecer com ele e por não saber qual é a sua agência. Fica evidente, que estas afirmações para serem confirmadas carecem de pesquisas mais aprofundadas, que imaginamos realizar num futuro próximo- já que os etnólogos ainda não voltaram seu olhar para esta outra possibilidade das grandes caminhadas.

Há que se levar em consideração que concomitante a busca na caminhada pela *Yvy Marãe* y celeste, a procura *Mbyá Guarani* voltava-se para um espaço essencialmente terrestre, com boas condições ecológicas e produzir alimentos em abundância, seria uma terra boa, com mata virgem, solo intacto, sem interferência ou ingerência de outrem, as duas procuras se confundem em uma só. Independente da procura de uma terra mitológica ou de uma terra real, concreta, ecológica, o que se constata é que esta procura *Mbyá Guarani* é algo que persiste. Os relatos dos parentes de Nova Jacundá/PA indicam que saíram há muito tempo em *Oguatá Guassu* (grande caminhada), do norte da Argentina ou sul do Paraguai, nessa procura que persistiu por cerca de cem anos e agora esta “pausada”, enquanto se estrutura o *Tekoá Pyau* (novo lugar de morar). Penso que se quer mesmo é prolongar ao máximo a vida sobre a terra, porém com boas condições para exercitar o bem viver.

Embora Ladeira (1984) afirme que os *Mbyá* dos Estados de São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina, cujo processo de traslado rumo ao litoral teve início a oito ou nove décadas atrás (1920-1930), estariam hoje em franca estabilização de sua mobilidade. No entanto o que se vê é a persistência na caminhada. Os grupos familiares *Mbyá* contemporâneos (não mais que 50 pessoas) apresentam, flexibilidade, plasticidade que lhes permitem trilhar caminhadas por extensas regiões que entendem ser o seu *Guára* (grande território) e a rigor, se estendem do interior do Paraguai, passando pelo litoral do Rio Grande do Sul (RS) ao Espírito Santo (ES) e hoje o Estado do

³ Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado internacional ocorrido na América do Sul. Foi travada entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (composta pelo Brasil, Argentina e Uruguai). A guerra estendeu-se de dezembro de 1864 a março de 1870. Causando mais de 300 000 mortos (entre militares e civis).

⁴ Relacionando-se a Francisco Solano López Carrillo (Assunção, 24 de julho de 1827 — Cerro Corá, 1 de março de 1870) foi o segundo presidente constitucional da República do Paraguai, exercendo o cargo desde 1862 até a data de sua morte. Foi comandante das Forças Armadas e chefe supremo do seu país durante a Guerra do Paraguai, que como narram muitos indígenas mais velhos enterraram muitos ouros.

Pará (PA). Percorrer, andar para conhecer este espaço do grande território, implica toda uma lógica de utilização de percursos, nas idas e vindas entre os *Tekoas* (lugar de morar) do litoral e os que não se situam no litoral. Assomam-se das mais diferentes rotas demarcadas por ocupações permanentes das parentelas *Mbyá*.

Outra observação que deve ser levada em consideração relaciona-se a esse outro tipo de caminhada referida pelo termo *Oguatá* (percorrer, conhecer), motivadas na maioria das vezes, pelo desejo de visitar parentes, delineadas pela constância da reciprocidade, sedimentando as redes de relacionamento afetas ao *Guára* (grande território), compreendemos que esse espaço-tempo-memória não é dado e sim construído, nutrido e formatado- conforme se vai caminhando. Não há um tempo determinado para estas visitas durarem, podendo ser de alguns dias, semanas, meses e até mesmo anos, os que levam as interpretações equivocadas, relacionando-as com um suposto nomadismo ou diáspora inerente ao guarani. Esta variável é constatada nos demais grupos guarani, podendo assumir contornos de *Jerová* (mudança) de um lugar de morar para outro, em decorrência de cisões internas ou outros motivos, podendo ainda levantar outro *Tekoa* (lugar de morar), embora ocorra praticamente a inexistência de áreas livres para que ocorra a ocupação. Em outro sentido pode transcorrer em razão da procura pela matéria prima para produção de artes tradicionais, que dependendo do lugar, tem peso preponderante na economia familiar. Por outro lado, esse tipo de *Oguatá* assume contornos de compulsoriedade, em razão das imposições e das circunstâncias do contato com o *Juruá* (branco), que inviabilizam a fixação.

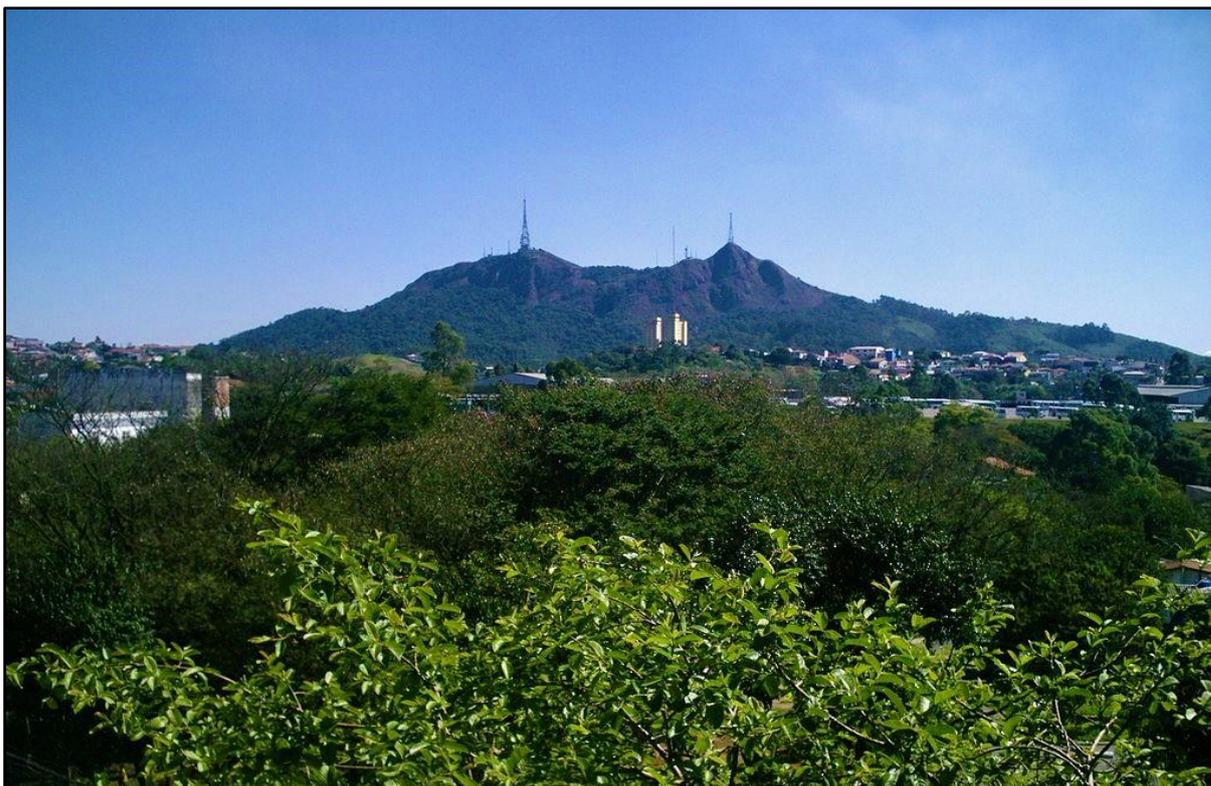


Figura III. Pico do Jaraaguá, onde existem *Guarani Mbyá* vivendo e a montanha é um símbolo cosmológico. **Fonte:** Google, 2019.

É na confecção e venda das artes que são criadas as condições para as viagens e do próprio sustento. Viajam em pequenos grupos, de ônibus, trem, carona, avião, moto, bicicleta, a pé quando a distância não é muito longa. Os jovens encontram casamento, trocam notícias e informam a respeito de parentelas distantes, embora hoje o celular tenha encurtado as distâncias e praticamente em tempo real os fatos são noticiados e conhecidos. Portanto, os grupos estão sujeitos a se desmembrarem e os chefes de família procuram outros lugares para assentamento, entre as parentelas são estabelecidos pontos de apoio para os que estão a caminho ou que já chegaram. Fixam-se onde conseguem terra boa, então levantam o *Tekoá* (lugar de morar). Há os que invariavelmente vão à frente, abrindo estrada/caminho- verdadeiras rotas a serem seguida pelos demais e a tornarão passagem obrigatória, é o parentesco que determinam estas passagens, pontos fixos ou somente de referência ou apoio, e por essa razão apresentará significativa variação populacional em determinado espaço-tempo. A que se considerar que as caminhadas não cessarão, pois mesmo com *Tekoá* (lugar de morar) demarcado, a filosofia de vida *Mbyá* Guarani está ínsita no caminhar e vai se reproduzir sempre. Desta maneira, pensamos que todas as caminhadas dos parentes *Mbyá* têm

formatado um *Guará* (grande território), nas últimas décadas, um território contemporâneo que se desenha muito mais extenso que o registrado no passado- a considerar que hoje uma parcialidade chegou ao estado do Pará.

Neste entendimento- o espaço do território deve ser caminhado, pois é cultivado, ocupado, humanizado, guaranizado, (re)significado, (re)estruturado e (re)modelado. As narrativas religiosas interpretadas como mito, diz respeito a uma terra que deve ser caminhada, ampliado os horizontes, assim, desde a narrativa que versa sobre os gêmeos, a terra é um espaço onde se deve abrir caminhos e percorrer/caminhar em busca do local para onde foi *Ñanderu Tenonde* (o primeiro Deus-criador do universo na cosmologia guarani)), quando abandonou *Ñandexy* (esposa do primeiro Deus), portanto o *Mbyá* é livre para andar, caminhar, conhecer, visitar, explorar os cantos da terra- trilhar sempre horizontes de possibilidades, sonhos e esperanças.

O *Mbyá Guarani* têm se mostrado fiel e irredutível em se tratando de sua ecologia tradicional- caminhar é a marca de sua liberdade, é a procura por lugares adequados para plantar, floresta com boa biodiversidade, boa reserva de água, rios piscosos, nascentes com boa vertência e de preferência longe de centros urbanos. Mediante isso, torna-se evidente que para os *Mbyá* nunca haverá vida sem *Kaagui* (natureza)- assim, a cultura/raça humana é mais uma espécie no ambiente, portanto não superior com relação as outras espécies, seja elas plantas, animais ou artefatos.

Considerando que esses lugares não existem mais ou os poucos que existem foram transformadas em áreas de preservação ambiental, a caminhada para *Yvy Marãe'Y* (terra sem males), está impregnada do sentimento de desterro, motivo que faz persistir na procura, pois expulsos de seus *Tekoas* antigos, a caminhada o torna mais próximo da terra sem males. A perseverança faz emergir sua concepção de uma ordem primordial que criou o mundo. Dsse modo, a busca da Terra sem mal adquire as feições de um misticismo religioso, transformando os deslocamentos em movimentos de eclosão social. O resultado entre o desejo de encontrar o “paraíso” e sua impossibilidade diante da situação de contato geraria estados de crise capazes de criar sentimentos de “frustração”, “desilusão” e outros estados de “depressão psíquica geral” (SCHADEN, 1962, p. 147).

De fato essa situação esta dentro das possibilidades de acontecer, no entanto insistimos para o fato de que não existem somente duas reações possíveis: resistir ou sucumbir. Pensamos que a terceira possibilidade reside na coexistência ou numa

interação sócio-cultural, pois inúmeros *Tekoas* (lugar de morar) na atualidade foram levantados em megalópoles como São Paulo- é claro que outros estão afastados de centros urbanos como é o caso do *Tekoá Pyau* (novo lugar de morar) de nova jacundá/PA, estas duas situações corroboram para afirmar que ocorrem (re)significações, bem como reterritorializações ou ainda a guaranização de espaços físicos temporais, que não há uma redução de sentidos ou de perspectivas diante do acaso.

Partindo destes pressupostos- insistimos na ideia da importância dos orientadores religiosos, sem eles não há *Rekoá* (modo de vida) nos moldes desejados pelas divindades. Embora Litaiff (2008) e Noelli (1993) afirmem que *sem Tekoá não há Teko*, afirmamos categoricamente que sem orientadores religiosos, não haverá *Teko* tradicional e sim outros modo de viver.

Para Meliá (1990, p. 41), no artigo “A Terra sem mal dos Guarani - economia e profecia”, elabora uma crítica que pensamos proceder na primeira parte, afirma que certas abordagens insistem na tese de que o povo Guarani é um ser em constante fuga, apocalíptico, desgraçado, eterno caminhante. Indispõe-se com a percepção de espaço geográfico da etnologia clássica (NIMUENDAJU, 1987; MÉTRAUX, 1927; SCHADEN, 1974 e a ênfase somente na dimensão religiosa). Para ele o sentido religioso do espaço, que redundava na procura da terra sem mal, do guarani atual, se sedimentou nos séculos posteriores à conquista, considerando o contexto do domínio colonial.

A (re)configuração no modo de entender o espaço se deu em razão do guarani ter sido confrontado com um novo sistema de pensamento e uma percepção espacial que fugia a sua lógica- pois foi o alvo das *Encomiendas* e das *Reduções Jesuíticas*. Argumenta que o primeiro entendimento: “*suelo intacto, que no ha sido edificado*” encontrado em Montoya (1876), foi (re)configurado/(re)significado, para o sentido mítico vigente, condicionando o Guarani atual a condição de eterno caminhante em busca da mesma e as abordagens apontarem para o guarani incansável na busca, inquieto, por conseguinte sem perder o foco do *Oguatá* (caminhada).

O autor propõe a recuperar o sentido clássico de *Tekoa* (lugar de morada), como era entendido no início do processo de colonização: “[...] o *Tekoha*, com sua implicação objetividade terrenal, é uma inter-relação de espaços físicos e sociais [...] significa e produz, ao mesmo tempo, relações econômicas, relações sociais e organização político religioso essencial para a vida Guarani” (MELIÁ, 1990, p. 36).

Entende que a procura mantém seu axioma simbólico, perpetuado no tempo e continua vivo no cotidiano do Guarani contemporâneo. Para ele o *Oguatá* (caminhada) e o *Ñandereko* (modo de ser), estão sedimentados e tem como princípio fundamental a busca da reciprocidade, refletida na economia, vida social, política e religiosa. Este fator agregaria *Tekoas* (lugar de morada) dispersos em grandes unidades sociais, origem provavelmente dos *Guarás* (grande território), a configuração sócio-territorial que persiste na atualidade. Destarte, a configuração prima principalmente pela solidariedade e reciprocidade.

Ainda na interpretação de (MELIÁ, 1990, p. 39) entende que a interação com o meio físico, ocorre considerando uma “dialética de carência e plenitude”, ideia que remete a terra imperfeita e a terra sem mal. Para ele, o que define o *nhandereko* (modo de ser) não é estar na caminhada e sim a economia da reciprocidade: [...] no fundo não é a migração em si que define os guarani, mas sim o modo particular de viver a economia de reciprocidade” (MELIÁ, 1990, p. 43), afirmação para a qual tenhamos reservas, considerando que é na caminhada que a reciprocidade e solidariedade se fazem mais fortes.

Yvy Marãe“y (terra sem mal)

De acordo com a historiadora e antropóloga paraguaia (CHAMORRO, 2008, p. 171 - 178), há três ideias distintas de *Yvy Marãe“y* (terra sem mal), relatada nos últimos cem anos na literatura, em que aparece essa procura religiosa. Pensamos ser extremamente pertinente denotar a oposição lógica consubstanciada nos vocábulos *Porã* (bom, belo, bonito), de *Ivaí* (feio, ruim, mal) e entre *Marã* (estragar, corromper) e *Marã e“y* (não estraga, não pode ser corrompido), seu emprego no sentido coloquial e quando se reveste de sentido religioso. Dessa forma há uma variabilidade de significados, conforme seu emprego, e assim a forma mais adequada para cada contexto. A exemplo do adjetivo *porã*, usado quase sempre para imprimir um sentido de beleza ou algo bom, no sentido religioso imprime a aura da imperecibilidade, e *Yvy Porã* (terra boa) é a terra imperecível. O termo vai que normalmente é empregado para demonstrar algo feio, ruim ou má; no sentido religioso, significa terra imperfeita. Os vocábulos *Marã* e *Marãe“Y*, apontam para um princípio primordial, do início dos tempos, indicando desequilíbrio e no sentido religioso *marã* tem conotação de mal, maldade e *Marãe“y* é sem mal.

Terra sem mal dos Apapokuva Guarani

Ouvida e relatada por Nimuendaju, ao tempo em que passou a conviver com esta etnia, que o aceitou e nomeou como Guarani; ele afirma que no início do século XX, entre os apapokuva havia duas formas de conceber a *Yvy Marãe'y*. O primeiro entendimento corroborava da ideia que a mesma estava fora da terra, era o paraíso celeste ou o tekoa ambá, como entendido nos dias atuais.

O segundo entendimento afirmava que a mesma se encontrava do outro lado do mar, podendo ser atravessado mediante intenso fervor religioso, com cânticos, danças e orações. Narra o autor que os apapokuva que saíram em busca da terra sem males pelo leste, tiveram sua caminhada interrompida em razão do temor das ondas do mar, que os intimidou pela forma bravia como as ondas se apresentavam, “que, como inimigo feroz, parece estar sempre arremetendo contra a terra”. Convictos de que seus planos eram inexecutáveis, “sempre recuaram até onde não pudessem ver nem ouvir o mar” (NIMUENDAJU, 1987, p. 99).

Ele acompanhou e registrou várias caminhadas realizadas pelos *Apapokuva* (índio do arco longo), como a que iniciaram a partir de *Ypehu* (águas pretas), relata que depois de terem se recuperado e dominado razoavelmente o medo diante da visão inusitada do mar, adentraram novamente as matas a beira mar, levantaram uma *Opy* (casa ritual) retomando com todo fervor os rituais que incluíam o *Jeroky* (dança), *Mboraei* (cantar), e as *Ñembo'e* (orações), objetivando reencontrar o caminho para a *Yvy Marãe'y* (terra sem males), através da água (NIMUENDAJU, 1987, p. 103). Durante a caminhada procurando a terra sem males, eles são acometidos pelo sentimento de frustração e com isso a convicção que a destruição do mundo se aproximava é reforçada e que o mesmo é inevitável.

A terra tinha desabado a Oeste e ardia em chamas. E logo uma inundação ocorreria, portanto os indígenas do litoral deviam estar preparados para fazer frente à catástrofe eminente. Então construíram uma casa de madeira, entraram nela e começaram a dançar e a cantar, enquanto a terra era inundada. Assim o *Ñanderú* recomendou para os *Mbyá* cuidar-se, para não ter medo- e eles resistiram com coragem às águas que inundavam a terra. A casa se moveu, girou e flutuou sobre a água, subiu e partiu. Finalmente chegaram

à porta das esferas celestes.

Esse lugar foi denominado *Yvy Marãe'ỹ* “terra sem males”. Nela as plantas nascem por si só, os frutos da terra se processam por si próprios, a caça chega aos pés do caçador já morta, as pessoas não envelhecem nem morrem, tampouco conhecem o sofrimento (NIMUENDAJU, 1987, p. 154 - 156).

De acordo com Nimuendaju, a caminhada, a procura devia-se exclusivamente pelo medo da destruição do mundo e com isso agarravam-se à esperança de ingressar na terra sem males. Esta afirmação ou essa interpretação foi contestada parágrafos acima, pois o oguata carrega em si muitas intencionalidades e não somente uma “fuga da realidade” ou simplesmente o temor apocalíptico da destruição do mundo.

A caminhada objetiva entre outras coisas o *Aguyje* (a iluminação, perfeição pessoal), embora uma *Yvy Vaí* (terra imperfeita) com *Teko Axy* (cheia de dores) é possível viver nela, obter o bem viver e curá-la por meio dos rituais, entendido como guaranizar.

A procura quer encontrar uma terra no plano físico que apresente características ecológicas e/ou econômicas semelhantes às de sua posse no passado, portanto motivados e tomados pela crença que podem encontrá-la.

Para isso precisam por em prática o sistema religioso, assim podem ter a terra da vida boa ou bem viver aqui neste plano físico, bem como podem alcançar o tekoá ambá (morada celeste), pois *Ñanderu* (nosso pai/deus) criou as florestas para o *Mbyá* cuidar e nela habitar, ambos se interagem e se pertencem, possivelmente contrariando os que imaginam restar aos mesmos, somente alcançar a segunda, esquecendo as possibilidades de reterritorializações, resignificações e/ou reinterpretações que guaranizam a terra alcançada. Todavia Meliá afirma que a busca da:

Terra sem males, mesmo a mais ritualizada, não é um simples retorno conservador a estruturas sociais e religiosas tradicionais, mas uma forma de contestação face ao sistema neo-colonial envolvente. Mantendo os principais princípios da economia de reciprocidade, e sendo fiéis a seu peculiar modo de pensar e construir a pessoa humana, os indígenas estão se libertando de ser reduzidos, sem mais, a cidadãos genéricos (MELIÁ, 1988, p. 347).

A afirmação de Nimuendaju é categórica em relação aos Apapokuva:

Não é só a tribo dos Guaraní que está velha e cansada de viver, mas é toda a natureza. Quando os pajés, em seus sonhos, vão ter com *Ñanderuvuçu* (Nosso Grande Pai), ouvem muitas vezes como a

terra lhe implora: “devorei cadáveres demais, estou farta e cansada, ponha um fim a isto, meu pai!” E assim também clama a água ao criador, para que a deixe descansar; e assim também as árvores, que fornecem a lenha e o material de construção; e assim todo o resto da natureza (NIMUENDAJU, 1987, p. 71).

As boas palavras recebidas de *Ñanderu* na *Opy* representam a liberdade, a alegria e a intimidade com sua divindade, indícios que o poder das palavras é mais poderosa e penetrante que qualquer argumento em contrario, pois consolida a construção do seu ser. Poder pronunciar tais palavras e ensinamentos é trilhar os caminhos do aperfeiçoamento pessoal, entrelaçando o real e o ideal.

A Terra sem mal dos Mbyá Guarani

Para os *Mbyá* contemporâneos, a terra sem males é um lugar guardado e protegido; uma terra boa e fértil, um lugar onde existem as plantas e os animais que compõem o mundo original, onde as próprias pessoas experimentam as condições favoráveis à sua plenificação. Essa terra produz não só alimento, mas também inspiração para as orações e cânticos. Os *Mbyá* e *nhandeva* são os que ainda nos tempos hodiernos caminham.



Figura IV. Praia de Bertioga/SP, onde existem aproximadamente 550 Guarani Mbyá e Guarani, muitos acreditam que a terra sem mal está do outro lado do oceano. **Fonte:** Destino Praia (2012).

No entender da antropóloga Maria Ines Ladeira (1999), que recolheu entre os *Mbyá* do litoral brasileiro expressões que descrevem a maneira como esses indígenas imaginam a terra sem males. Para eles ela é uma terra boa, bonita, dourada. É o lugar onde nasce o sol. Todos os que lá vivem e tudo o que nela existe estão enfeitados com a qualidade *Marãne*“Ỹ (sem males).

Assim, a vegetação desse lugar é perene, eterna e sempre cuidada, com destaque para a palmeira eterna. Dentre as espécies cultivadas nessa terra, destaca-se o milho verdadeiro, o plantio e a colheita asseguram a perpetuação dos ciclos da vida social através do ritual de atribuição do nome às crianças, o batismo. Lá todas as plantas nascem e se espalham sozinhas sobre a terra. Assim, quando a batata doce é colhida, já nasce outra no lugar- terra de divindades celestiais.

Na terra sem males existe uma fonte de água iluminada pelo sol nascente, o vento que sopra nesse lugar é bom porque é *Marãe*“y (sem mal) e a água que corre sobre sua face é sadia. Lá não existe sujeira, a casa ritual está sempre limpa, porque ela é *Marãe*“Y (sem mal); não existe doença, tudo é sempre sadio, porque tudo é *Marãne*“ỹ (sem mal); não há tristeza, sempre se vive feliz. As pessoas se levantam sempre bem-humoradas e se cumprimentam com alegria; ninguém fica bravo, não há brigas- equiparado ao paraíso celestial tão difundido pelo catolicismo.

Enfatiza a fartura que há nessa terra sem males. Assim, quando os *Mbyá* transportam as sementes do seu milho tradicional, não estão preocupados em plantar grandes roças, mas sim em perpetuar sua produção por meio da ritualização tal e qual foi a primeira roça do mundo original plantada por *Ñanderu Ete* (nosso pai verdadeiro).

A *Yvy Marae*“y (terra sem mal), não é um mito para o *Mbyá*, ela existe e para entrar, precisam caçar, plantar, festejar e viver como *Mbyá*, de acordo com os costumes dos antigos, ensinados por *Ñanderu Ete* (nosso pai verdadeiro). Precisam encontrar uma terra que corresponda à procura, pois estar a caminho, entre outras coisas é aproximar-se dos lugares verdadeiros.

Quem não põe se a caminhar, não poderá alcançá-la e quem estiver caminhando e aplicar as regras do modo de ser tradicional *Mbyá*, enfrentará proações, inclusive alimentares. Somente àqueles que, apesar das provas, permanecerem fiéis, somente a esses que protagonizaram um oguata porã (boa caminhada), será revelada a direção que

devem seguir para chegar a terra sem males. É nesse sentido o depoimento de Werá Guarani de Nova Jacundá, neste período ele era o cacique da aldeia:

Eu não casei com mulher branca, casei... vamos dizer que eu não casei... eu tô permanecendo do jeito que deus pediu... não casei com mulher branca, minha comida é tradicional mesmo, eu não tô usando muita comida de Juruá (branco), não tô fazendo mal pra ninguém, invés de... o pessoal me faz mal e invés de descontar eu deixo passar... eu tô... tudo eu tô agradecendo o bem e o mal que o pessoal me faz... eu não tô te olhando com raiva [...] Quando eu morrer... eu morri aqui... então, por exemplo, eu morri, fui enterrado hoje, hoje mesmo deus vai me levar com corpo e tudo [...]. Aí se ele levou eu, ele vai me trazer aqui, onde tá Nhaderú Ete (nosso pai verdadeiro), aqui onde vai passar outro tipo de processo que eu não sei explicar em português... Então daqui, eu sou daqui já, eu não venho pra cá, eu não venho pra yvy Ju (terra dourada), diretamente eu fico com Nhanderú (nosso pai) (WERÁ, entrevista realizada em janeiro de 2015).

A terra sem mal (Guarani) Kaiowá

De acordo com a historiadora paraguaia Graciela Chamorro: “a expressão *Yvy Marãe*”y tem implicações distintas não só entre os *Mbyá* que se encontram em plena mobilidade e os *Mbyá* sedentários, mas também entre os outros grupos guarani por mim estudados”. Assim, entre os *Kaiová* e os *Ñandeva*, a imagem espacial para onde são projetadas as esperanças é a “terra plenificada”, a “terra do tempo- espaço perfeitos”, *Yvy Araguayje*.

O curioso é que, embora essa terra não pressuponha a mobilidade geográfica, o caminho é um elemento fundamental no imaginário desses grupos. Hoje em dia, particularmente os *Kaiová* e os *Paĩ-Tavyterã* ritualizam de várias formas o “estar a caminho”. O enraizamento do caminho na compreensão de espaço dos indígenas deixa-se verificar quando essa imagem, mesmo erradicada dessa terra, persiste na expressão paradoxal de um “caminho sem terra”.

O “caminho de luz” é um caminho escatológico. Nele se transfiguram os desejos de uma terra pródiga com seus filhos e com suas filhas, terra que seja fértil, dê fartura e seja propícia para as palavras. É como se fosse possível alcançar a perfeição, sem precisar resolver o conflito com os novos colonizadores, os fazendeiros da soja.

É interessante o texto que se encontra na revista *Guarani Retã* (2008, p. 7-8), em relação à busca da *Yvy Marãe*”y (terra sem mal) e as correlações com a terra imperfeita,

cheia de males que piora em razão da ação do homem, este promove o lenta e gradualmente o suplicio e a morte da terra que poderia ser o local do bem viver, tanto indígena, como não indígena:

Procurar a Terra Sem Males: O que aconteceu no passado, acontece hoje com todos. O Guarani ressignificou a busca pela Terra Sem Mal. Algo bom procurado em conjunto, é chamado de “mito.” O guarani procura terra para poder trabalhar arduamente e alegrar-se; um lugar onde reina a alegria, sem dar lugar à nostalgia, tristeza. Na nossa terra por vezes, chega a vida má e vamos passar por momentos muito ruins e a abandonaremos, por causa do mal. Assim é preciso superar; precisamos nos livrar do mal. Para o Guarani a terra má, é envelhecida, cansada, não se presta mais ao plantio, são campos estéreis, sem água e floresta; então a soja e a cana de açúcar, o pinus estrangeiro, invadiram tudo e isto é muito ruim, grave, em verdade é a terra cheia de males. A terra cheia de males, é o assento de muitas doenças e morre-se por qualquer coisa; por vezes as pessoas se estranham, alteram-se, brigam por banalidades, se dispersam e não há mais paz. Homens e mulheres falam O que lhes vem na cabeça, então é o fim da fraternidade. Isto é uma característica do mal. A vida má chegou, é de grandes proporções, está danificando a alma desta bela terra, Matando o modo de ser guarani; os que são chamados de “colonos”; fazendeiros, os grandes plantadores de soja, são fortes, expulsando-nos Os diversos povos que vieram da Europa, de Portugal e Espanha, obrigaram o Guarani a trabalhar até a exaustão, suprimiu o seu modo de ser, estes morriam aos milhares. Em diferentes lugares, impuseram outros modos de viver, outra fé, um rei, uma língua (uma crença, um chefe geral e uma língua geral), os brancos foram reunindo os guaranis nas grandes aldeias, “terra das reduções”, “doutrina de povos”, lhes chamavam. Nesse lugar a vida do guarani era melhor, se solidarizavam se ajudavam. Em nada se comparava com o que lhes esperava, ao final tomaram suas terras, que era um grande território. As fronteiras dos novos países, estão sobrepostos ao território guarani dividindo-o, como se fora. um vaso que se quebra, Paí tavyterã e Kaiowa, Ava Guarani e o antigo território Nhandeva. Agora começou o reencontro do Guarani, que são diferentes entre si e tem que conviver entre dois modos de viver, nos três “Estados Nacionais”. Mbyá são poucos no Paraguai, Argentina e Brasil; Paí (Kaiowa) estão no Paraguai e Brasil, e os Avá Guarani (Nhandeva). O guarani agora tem o seu “muro de Berlim,” assediados, arrancados de suas moradias e separados, para que vivam como estrangeiros na sua própria terra. O território guarani hoje está reduzido, sobreposto e repartido e não resta alternativa, perde a sua fala divina e o modo de ser tradicional. A vida hoje não se restringe a uma só forma, aqui é

assim e ali é diferente. Os que estão nos Ministerios de Educação Nacional, querem reeduca-los, mas ainda não conhecem bem o modo de ser do guarani (WERÁ, entrevista realizada em janeiro de 2015).

Ñanderu Y“Rê Ndaipori Rekoá (sem xamã não há vida plena)

Afirmado por vários autores e já é clássico entre guaraniólogos ou em relação ao mundo guarani, afirmar que “sem *Tekoá* não existe o *Tteko*”, algo como “sem terra tradicional não há vida tradicional” ou em outras palavras que “sem terra, não há cultura”, e dentre tantos que discorreram sobre estão Meliá (1988, p. 106; 1991, p. 64; 1993, p. 106), Noelli (1993) e Litaiff (2008). Embora concorde em parte com a afirmação, como guarani, pensamos que mesmo sem terra, nos acampamentos as margens de rodovias ou em terras diminutas, a vida continua, ela vai sendo (re)significada, (re)interpretada e (re)organizada em híbrida vertente. Em seu bojo apresenta as apropriações advindas do contato, mais acentuado em alguns *Tekoas* (lugar de morar) e menos em outros, o advento das novidades da tecnologia móvel de comunicação, como o celular, que já tem formatado verdadeiras redes de comunicação entre si e com outras etnias.

Se no passado foram criadas verdadeiras redes de caminhos tendo como ponto de marcação o parentesco, da qual surgia uma rede de relações sociais, onde implicava a solidariedade e a reciprocidade, estes provavelmente originaram o *Yvy Rupá* tape (rede de caminhos pela terra), em contrapartida hoje temos uma rede formatada pela tecnologia e a internet. Se para o Guarani não existem distâncias ou fronteiras, agora com a tecnologia, as novas gerações, em nada se diferenciam dos *Juruas* (branco) no manuseio e domínio das mesmas. Ainda que não tenha um lugar apropriado, uma terra boa, mas se tiver a pessoa do *Ñanderu* (orientador espiritual), haverá a continuação do modo tradicional de ser.

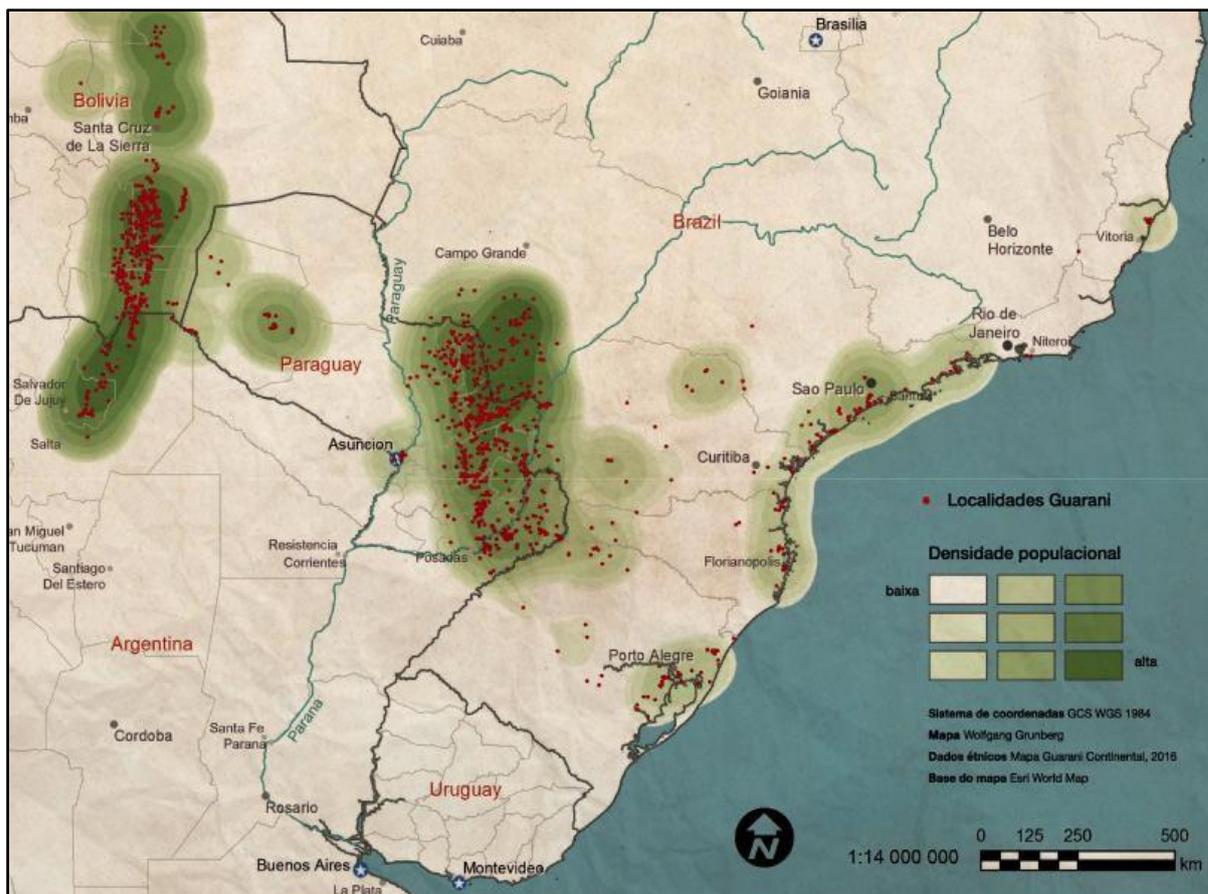


Figura V. Localização dos Guarani no Brasil, Paraguai, Bolívia e Argentina. **Fonte:** Mapa Guarani Continental (2016).

Compreendemos que a cultura⁵ vai se apresentando conforme ela é praticada, vivida e ao mais incauto observador emerge então as imagens de índio de “verdade” ou índio de “mentira”, considera o que os olhos divisam em primeiro plano, o contexto não diz nada naquele momento, pois não consegue ver além. Os povos indígenas assim como qualquer outro ser social sempre estarão se inteirando das novidades, formatando uma rede de conhecimento integrado, com as apropriações do mundo onde está inserido.

Se considerarmos a cultura como um conjunto de experiências vividas, assim como respostas aos desafios enfrentados na caminhada, haverá então uma constante recontextualização considerando a dinâmica dos princípios do modo de ser e pensar. Então as necessidades advindas com o mundo do *Juruá* (branco) como ter que falar o português, usar roupas, ir à escola, a universidade, manusear as novas tecnologias, ter Carteira nacional de Habilitação (CNH), brevê, usar terno e gravata, não implica em perda étnica

⁵ Compreendemos a cultura aqui- não somente como algo adquirido/herdado ou genética/hereditária, mas, sobretudo, algo inerente/ontológica- própria de cada indivíduo/sujeito.

ou de identidade, mas apropriações necessárias e desejadas. O *ethos* Guarani continua com a sua singularidade.

O modo de ser tradicional indígena precisa de orientações para que seja vivido e experienciado, princípios que dizem muito da construção da pessoa, delineando o que diz e o que faz. Nesse sentido é que está em nosso raciocínio, pois ser mais tradicional ou viver do modo tradicional, não depende somente do sujeito, é necessário ter quem o oriente nesse caminho. O Guarani que sempre foi visto como morador das matas, por vezes surpreende quando escolhe o contexto urbano para levantar um *Tekoá* (lugar de morar), sem faltar é claro uma *Opy* (casa ritual), quando for *Mbyá*. Nesse sentido a afirmação da antropóloga Elizabeth Pissolato é fundamental:

Na experiência das populações guarani contemporâneas, em que problemas como o da terra tornam-se prementes, envolvendo negociações constantes com instâncias diversas de representação do juruá, o teko, ou, como se ouve muitas vezes, o nhandereko [...] tende a opor-se ao 'sistema do jurua', e o tekoa torna-se um modo usual de referência à 'aldeia', isto é, determinada área de ocupação entendida como dotada de condições fundamentais à reprodução do teko (PISSOLATO, 2007, 108 - 109).

Desta forma valores religiosos, estéticos e agora os de mercado sinalizam para um marcador ou a elaboração de uma fronteira entre ser Guarani "autêntico" e o não sê-lo. Razão de uma frequência a *Opy* (casa ritual), como forma de recordar os ensinamentos dos antigos, alcançar o conhecimento e assim fortalecer o nhandereko (nosso modo de ser), com o que ali é ensinado. Fortalecimento espiritual, como nos afirmou *Ara'í* (16 anos em 2015):

O que tu sabe, tu aprendeu com nhanderu, tu não aprende de ninguém. É só nhanderu que ensina mesmo. Tu sabe, que tem coisas que aprendemos direto de nhanderu ete, o nosso Deus. Outras coisas nós aprendemos com o pajé, ele que ensina o jeito do guarani. Fumar o petynguá na opy é como ler a bíblia, tu aprende de Deus. Tu não pode pensar que vai ser guarani, só por tu mesmo, não é assim, sem pajé não tem muito de espiritual. Eu mesmo não sei muita coisa, tenho muita vontade de saber mais, conhecer mais, só que nós não temos pajé, não recebi um nome tradicional, não fui batizada ainda na opy. Não sei o significado religioso do meu nome, tu sabe me dizer? Tu sabe? Ser como os antigos, só com o pajé

ensinando (ARAI, entrevista realizada em janeiro de 2015).

A fala de Ara“i vai de encontro ao que Pissolato (2007, p. 345) ouviu de Candinho, *Ñanderu* centenário, que atuava na de aldeia Parati Mirim/RJ: “por si mesmo ninguém faz [...]. Se *Ñanderú* não mostra, não quer”. Já Werá Guarani aponta para outra virtude ensinada por *Ñanderú* ou que a pessoa do mesmo seja exemplo a ser seguido, trata-se do sentimento em relação ao próximo, o *Mborai“ú*, traduzido literalmente por amor, mas que implica uma preocupação com o bem estar do outro parente, é a convergência de solidariedade e reciprocidade, dizia ele:

Nós aqui ainda não tem pajé como tu sabe, o nhanderu que a gente fala na linguagem, se ele tivesse aqui ia ensina pra nós. Ele mesmo tu sabe, não pode fica brabo com ninguém não. Mesmo se fica nervoso, brabo com ele, ele não pode dá o troco, faze mal. Ele ensina pra todo mundo, desde criança, a dominar a brabeza, o *Mba’e Poxy*. Ele é sempre alegre, ensina tu, como tu faz pra sempre tá sorrindo. (WERÁ, entrevista realizasa em outubro de 2014).

Este modo de ser ensina não somente a temperança, mas ser uma pessoa alegre, bem humorada, disposta, solícita, onde tudo é motivo para riso, graça; não sem modéstia somos também o povo do sorriso. Em nossas casas ou em qualquer lugar onde estamos reunidos, sempre alguém teatraliza algo, faz rir, faz o feio ficar belo, o ruim ser bom, uma alma que vagueia pelos recônditos do esquecimento e amargura, voltar a si e se recordar que é Guarani, que mesmo fazendo uso da ironia, ela tem a sua graça. Então somos ensinados que a vida é humor, é rir, afetos, compartilhar, sonhar, estar junto, ser um povo, ainda que diferente, no entanto que conhece os caminhos da alegria. Se nossa filosofia de vida é caminhar, nosso estilo de viver é ser e estar sempre bem humorados. A *Opy* como casa ritual e de ensinamentos, reúne os estudantes, professores, especialista, mestres, doutores e pós-doutores do *Ñandereko* (modo de ser), cada um ensina e aprende ao mesmo tempo, porém, quem de fato está habilitado na condução espiritual é o *Ñanderu* (nosso pai orientador espiritual). São as palavras ditas nestes momentos é que fazem todo o sentido na vida do Guarani, as mesmas irão refletir e gerar as palavras que serão ditas no âmbito público.

É interessante ver como é a forma de uma saudação tradicional, quando se recebe parentes de outro *Tekoa* (lugar de morada), é uma linguagem religiosa, pronunciada pelo *Ñanderú* (orientador espiritual), na *Opy* (casa ritual), considerando que somente nas mais

tradicionais que ainda é pronunciada, pois vai além de uma mera saudação usual. A pesquisadora Mariana Andrade Soares (2012), em sua tese relata a forma como é pronunciada o ritual de recepção da etiqueta guarani (grifos da autora):

O visitante entra na *Opy* e o *Karai* lhe pergunta:

Então karai estava caminhando? Já para isso em sua aldeia quantas noites [kuarã`ã rupa] e quantos dias [mbovy Nhamandu nhemo pu`ã hare ranga vê yma] você já falou e os fez e alcançou por isso haveiko [tipo agradecimento] . Então por isso, fique bem nem que agora qualquer coisa não está bem nesta terra já não somente de uma coisa que não deixa mais que nós falemos belas palavras, mas no meio disso você para o seu bem meditou para colocar-se boas formas para falar, para sorrir, para que o Nhamandu os veja, por isso ele concedeu mais um dia de sol então fale e sorria em boas formas e todas as crianças [nhe`e pyau`i kuery] atentas nas tuas falas elas brincam Kunha karai`i kuéry, Yvyra`i ja miri`i kuéry todos escutando as tuas falas deixem que fiquem bem e com esses tomara que você não tenha notícias que ainda não ouvimos antes, notícias que até mesmo deixa você sem coragem para nos contar. Haveiko (SOARES, 2012, p. 83 - 84).

O visitante lhe responde:

Estava caminhando mesmo, para isso me forcei para chegar até aqui em sua aldeia, em sua morada e por isso depois de tantos dias e noites eu cheguei a incomodar os caminhos cheios de espíritos maus, meditei bastante, e me forcei. Isso me fez alcançar a sua morada, eu alcancei, por isso a esse haveiko. E com esses, você também fique bem, nem que qualquer coisa não esteja bem, não somente aqui da terra e do céu, mas de qualquer coisas que vem encima de nossos espíritos. Já não dá mais pra nós falar belas palavras agora nesta terra de Papa`i, mas mesmo assim eu continuo meditando com todas as aldeias que meditam juntas em torno desta terra. Então dali você aqui falando e sorrindo em boas formas, mas com esse espero que não tenhas notícias, todos perguntando, querendo saber como estão todos e não tem nada que possa deixar todos sem coragem. Por isso esse haveiko (SOARES, 2012, p. 83 - 84).

É na esfera do religioso que o *Mbyá* institui e sempre esta reavivando a sua identidade étnica, o que reflete e sustenta a sua sobrevivência física e cultural. A vida espiritual é mais importante e se sobrepõe à vida terrena. Esta terra é apenas uma cópia da terra perfeita, então a verdadeira vida esta muito além das vicissitudes cotidianas, pois a vida de um *Mbya Te`e* (*Mbya* idôneo), aqui na terra representa apenas uma fração da

vida verdadeira que se terá na terra perfeita e por isso a caminhada em direção à morada divina. Se o *Mbyá* caminha até os dias atuais, é em razão de que o *tekoá* (lugar de morada) exprime o sentido da vida que se expande conforme o horizonte que seu caminhar delineie. Não é um espaço fixo, nem um marcador geográfico; o caminho se estende até onde seus pés conduzirem o corpo. É sem fronteiras, pois a terra foi criada para ele caminhar e *Ñanderu Tenonde* (nosso pai primeiro) criou a terra caminhando.



Figura VI. Aña (diabo) atacando o Tekoá Guarani. Foto de De Bry (1592). **Fonte:** Aguiar (2013)⁶.

A linguagem religiosa *Mbyá* é de um estilo refinado, elaborado, não é acessível ao *Juruá* (branco), mesmo um *Mbyá* que não tenha participação assídua na *Opy* (casa ritual), soará estranho aos seus ouvidos, pois difere da linguagem coloquial e seu uso é socialmente restrito. As metáforas que permeiam esse modo especializado de falar têm como ponto de partida e referência é o mundo das divindades (deidades), sempre ou quase sempre com uma dupla designação: uma profana e outra sagrada.

Em razão desse modo de aprender ouvindo as boas palavras ou palavras de

⁶Acervo da Biblioteca Histórica da Universidade de Salamanca (Espanha). Reprodução digital autorizada. Publicada inicialmente por Aguiar (2013).

ensinamento, o Velho Zé (83 anos em 2015), corrobora os seguintes postulados:

Ñanderu falou que nós é tudo crianxa, que nós tá aprendendo, crianxa não xabe fadje as coidja, não tem penxamento bõ, orientado. Pode txe de um ano ou de txem (100) ano, ainda é crianxa, tem que aprende, ta aprendendo, prexidja do Papai do txéu, senão pentxa tudo errado. Pra caminha pretidja papai, pra come pretidja papai, aprende catxiá (caçar), pretidja papai, tudo pretidja papai ensina (VELHO ZÉ GUARANI, entrevista realizada em dezembro de 2014).

Desta forma o que corroboramos é que sendo os guardiões das palavras sagradas e por serem os intermediadores entre este mundo de imperfeições e a terra perfeita, o simulacro do homem-divindade, não seria possível, sem a presença do *Ñanderu* terreno, seu poder de influência está além da dos chefes temporais, sua autoridade religiosa lhe permite ocupar na organização social e na ordem discursivo-religiosa *Mbyá*, um lugar de destaque, pois são os promotores da coesão social, considerando que é ele que a vitaliza com as palavras de poder. É o poeta das palavras sagradas, que indicam vida boa ou em outras palavras vida com qualidade, para que a mesma seja prolongada o mais possível. Por isso reintero que sem *nhanderu* (orientador espiritual), não há *Ñandereko* (modo de vida), tradicional. Embora num passado recente ele provavelmente caminhasse por entre os *tekoas* (lugares de morada), hoje essa configuração não se sustenta pois cada qual procura ter o seu orientador espiritual, para não ficar na dependência de alguém que pode estar distante demais. Talvez em razão do *Mbyá* ter claro para si o significado do termo *Oguero-Jera* (ele se desdobra), é o poder de subsistir a qualquer situação, há um desdobramento a partir de si mesmo, pois a origem de tudo é explicado pelo poder de autogerar-se, desdobrar-se de si mesmo. O *Mbyá* comumente designa o *Ñanderu* como sendo o *Karái* (orientador espiritual) e este designa ou representa o Senhor das Chamas, aquele que é o proprio calor, o fogo solar, o eterno renascimento, algo como o mito da fênix.

Quando se narra que *Ñamandu/Kuaray* (sol) criou tudo o que existe no curso de sua própria caminhada, se mostra que é preciso andar para conhecer, aprender e fazer- assim o termo *Oguero-Jerá* carrega em si o significado de que o guarani em sua caminhada pode regressar ao tempo e à terra original. Nesse percurso com a realização de toda a sua ritualística, elabora uma metafísica que não é outra coisa senão o *Arandu Porã* (ciência

boa), onde a palavra é cantada, dançada, poetizada em orações e súplicas, obtendo a atenção dos divinos. Mais uma vez insisto que na *Opy* não há rezas, uma evocação apropriada, para que o outro entenda, por isso largamente usado como tradução. Pensamos que ainda há uma visão muito limitada sobre essa pessoa religiosa e por mais que nós esforcemos nas leituras e na tentativa de compreensão, não assentamos a contento, as leituras que as fizemos sobre *xamã* e *xamanismo*, considerando menções a paradoxo e contradição, divergência e incompatibilidade, política e religião, profecia e curandeirismo.

O nosso barco de entendimento navega por essas águas, não com pouco cuidado, talvez em razão do nosso instrumental analítico Guarani, estar navegando pelo igarapé da dúvida e a força empregada no remo da compreensão e interpretação, não superamos ainda as caudalosas águas teóricas. Há ainda outra situação que envolve a não presença do *Ñanderu* (orientador espiritual) no *Tekoá Pyau* (lugar da nova morada) da Amazônia Meridional paraense, pois com a morte de Raimundo Guarani em 1998, ninguém mais apresenta compatibilidade ou dom para ser *Ñanderu* ou *Ñandexy*, em razão do que relata na entrada da floresta tropical paraense- o *Tujá'Í* (ancião) Luis Guarani de 86 anos em 2015:

Lá em Mozarlandia, quando o povo pegou a doença do Juruá, morreu muita gente, o nosso Nhanderu também pegou a doença, que eu não sei que tipo era. Eu não sei como foi que eu vivi. Quem sabe foi Deus que me queria vivo, né filho. Então, naquele tempo o Nhanderu reuniu o povo, deu conselho, mostrou como ia se a vida mais pra frente. Que ia se dureza, ia chega na terra boa, ia demora um pouco, mais ia chega. Ele falou que ele era o último Nhanderu que o povo ia ter, falou mesmo filho. Falou que depois que chegasse na terra que nós tava procurando o povo ia fica desgarrado, sem rumo, enquanto os mais velho tivesse vivo, ia te lembrança da vida do guarani. Você vê que depois que o Raimundo morreu tudo tá se perdendo, já não é mais como era. O Nhanderu falou que assim, que nós chegasse na terra prometida, pra nós não fica de tudo perdido, era pra nós se crente, pra nós segui a igreja do Juruá (branco) e é o que ta acontecendo hoje. Ele falou que era a mesma coisa, por isso nós não tem Nhanderu e não vai ter mais. (LUIS GUARANI, entrevista realizada em janeiro de 2015).

Considerando o relato dos demais, a vida no início do assentamento no *Tekoá* (lugar de morar), todas as dificuldades se somavam, além da dificuldade de locomoção,

havia a incidência de doenças tropicais, como afirma o hoje professor Edmar Guarani, que veio da parentela de Xambioá, Estado de Tocantins- é casado com Maria Regina, filha de Raimundo Guarani:

Naquele tempo, tu pegava malária todo dia, nós levava o parente doente numa rede, balançava demais, ruim de carregá. Ia gemendo e nós andava o mais rápido que podia pra chegá onde o carro da FUNAI tava esperando, as veses era lá no 60 (18 km de distância). As veses voltava bom e aí no outro dia, outra malária, mas não morreu ninguém. Hoje essa terra é uma benção, tá tudo muito bom, é a terra prometida. O rancho nós trazia nas costas, não tinha outro jeito né; a mula do fazendeiro trazia o mais pesado e nós o mais leve. (EDMAR GUARANI, entrevista realizada em janeiro de 2015).

O cacique Leonardo, que também é técnico de enfermagem, veio da parentela dos que moram em Xambioá/TO. A posteriroy, casou-se com Maria Divina Guarani, também filha do falecido Raimundo, foi um dos que o acompanhou na procura e localização do atual *Tekoá* (lugar de morada), ajudou na construção das primeiras casas em 1996, para que o resto do grupo pudesse vir da aldeia dos Gaviões em Bom Jesus do Tocantins. Assim, o experiente cacique narra à vinda:

No começo não tinha estrada, era só uma varedinha, prá vim lá do 60, era di pé mesmo, meio dia de caminhada, no inverno tinha lugar que tu atolava até no joelho. O Rancho quando dava, vinha no lombo de burro que o fazendeiro emprestava pra nós. Não tinha ponte, só pinguela e quando chovia, tinha que esperar os igarapé baxá pra pode passa e aí moço, parecia que a gente tava dançando, de tão liso que era o lodo. Hoje tu vê que tudo é uma maravilha, o rancho vem de carro, ninguém qué carrega nem garrafa d'água hoje. Eu penso que aqui é o nosso futuro, vou criar minhas filhas e meus netos e aqui vou ser enterrado (CACIQUE LEONARDO, entrevista realizada em janeiro de 2015).

Perguntado sobre a caminhada dos antigos que permitiu chegarem e estar hoje no *Tekoá Pyaú* (lugar da nova morada), o cacique Leonardo assim corroborou:

Eu nem sei se essa terra sem males existe mesmo, já ouvi os velhos falarem, mas é vez ou outra. Eles não falam tudo, por que isso é com o Nhanderú (orientador espiritual) e nós aqui não tem, como tu sabe. Então me perguntam também sobre a religião do guarani, eu não sei. Dessa caminhada, jeguata, oguatá que o povo fala terra sem mal, não sei nada. A linguagem não falo, entendo tudo, mas não falo.

Meus pais não ensinaram, fui criado com meus avôs, que não me ensinaram também e to aqui hoje porque danei a andar pelo mundo com 15 anos e encontrei a parentada no Gavião, conheci a divina e hoje to aqui. Se existe uma terra sem mal, pra mim é aqui (CACIQUE LEONARDO, entrevista realizada em janeiro de 2015).

O surpreendente foi a iniciativa dos meninos que estavam em idade de iniciação, de passarem pelo ritual, como não havia *Ñanderú* (orientador espiritual), combinaram entre eles e deslocaram-se à floresta, onde furaram os lábios uns dos outros- enquanto isso as meninas preparavam os *Tembetás* (adornos labiais), para posteriormente os meninos utilizarem, sem ao menos saberem ao certo como era o aspecto físico do *Tembetá*. Quando inquirido sobre a razão de tomarem a iniciativa de furar os lábios, um deles foi breve: “para parecer mais com índio”.

Portanto, é possível que um dia surja novo/nova *Ñanderú* e *Ñandexy*, mas no presente momento não se consegue perceber nenhum sinal que indique essa possibilidade, ao contrário boa parte das pessoas já se converteram ao protestantismo, assim como ocorre nas parentelas de Xambioá no Tocantins e Cocalinho no Mato Grosso.

Considerações finais

Nas últimas décadas e sobretudo, a partir da chamada virada ontológica, antropologia reversa ou ainda antropologia compreensiva- a antropologia ultrapassou concepções dominantes de representação para “evocação”, “figuração”, “agência” ou “afeto”. Assim, foi conceituado e praticado como um processo de conhecimento aberto e, muitas vezes, improvisatório, a envolver emoções, materiais, corpo e sentido. Toda essa perspicácia e mudança foi acompanhada por um interesse em novas formas de “projetar”, “fazer”, “visualizar”, “produzir”, protagonizar, “polifoniar”, “compreender” e “interpretar” conhecimento de uma dada sociedade ou cultura. Mediante isso, campos como estudos da cultura material, antropologia visual e arte contemporânea foram frequentemente recrutados para oferecer novos insights sobre pesquisa antropológica e novos caminhos para o estudo de respostas emocionais, sensoriais e cinestésicas, ao lado de respostas interpretativas, que ganhou grande notoriedade a partir do antropólogo norte-americano Clifford Geertz (1989).

Desta forma, esses desenvolvimentos aproximaram ainda mais a Antropologia Sociocultural da Antropologia Autobiográfica e está se tornando cada vez mais óbvio que a cosmologia ameríndia tem muito a nos oferecer, não apenas como objeto de estudo, mas também como interlocutora, colaboradora e mediadora, a fomentar novas ideias e posteriormente possibilitar novas formas de abordagens históricas, geográficas e filosóficas. Portanto, levar literalmente esses saberes, pensares e conhecimentos seculares e milenares como verdadeiros- e que logo nos irá fornecer subsídios para escapamos ou nos protegemos não somente do cataclisma, mas sim das inúmeras violências as que nos comentem no dia-a-dia.

Referências bibliográficas

- AGUIAR, Rodrigo Luiz Simas. Profecias Apocalípticas na Cosmologia Mbya-Guarani. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 18, p. 244, 2013.
- ALMEIDA, Rubem Ferreira Thomaz de. O caso Guarani: o que dizem os vivos sobre os que se matam? In: RICARDO, Carlos Alberto (ed.). *Povos Indígenas no Brasil: 1991/1995*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1996. p. 725 -728.
- CHAMORRO, Graciela. *Terra madura, yvy araguayje: fundamento da palavra guarani*. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008.
- COMBÉS, Isabelle. “Pai Sumé, El Rey Blanco e El Paititi”. *Antropos*, Brasília, DF, v. 106, p. 99 - 114, 2011.
- CLASTRES, Helene. *Terra sem mal*. São Paulo: Editora brasiliense, 1978.
- DE BRY, Theodor. *Americae*. Frankfurt: Officina Theodori de Bry, 1592.
- GADELHA, Regina Maria A. F. (ed.). *Missões Guarani: impacto na sociedade contemporânea*. São Paulo: Educ, 1999. 391 p. (Edições comemorativas).
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.
- GUARANI RETÁ: POVOS GUARANI NA FRONTEIRA ARGENTINA, BRASIL E PARAGUAI. [S. l.: s. n.], 2008.
- JULIEN, Catherine. Kandire in real time and space: sixteenth century expedition from the pantanal to the Andes. *Ethnohistory*, Columbus, v. 54, n. 2, p. 245 - 272, 2007.
- LADEIRA, Maria Inês. Aldeias livres Guarani do litoral de São Paulo e da periferia da capital. In: MONTEIRO, John Manuel et al (org.). *Índios no estado de São Paulo: resistência e transfiguração*. São Paulo: Yankatu, 1984.

- LADEIRA, Maria Inês. Yvy marãey; renovar o eterno. *Suplemento Antropológico*, v. 34, n. 2, p. 81-100, 1999.
- MELIÁ, Bartomeu. La vida en las reducciones jesuíticas de guaraníes o el uso perfecto del tiempo *In: MELIÁ, Bartomeu. El Guaraní conquistado y reducido: ensaios de etnohistoria*. Asunción: Universidad Católica, 1988.
- MELIÁ, Bartomeu. *Una nación, dos culturas*. Asunción: CEPAG, 1990.
- MELIÁ, Bartomeu. *El guaraní: experiência religiosa*. Asunción: CEADUC-CEPAG, 1991.
- MELIÁ, Bartomeu. *La lengua Guaraní del Paraguay: historia, sociedad y literatura*. Madrid, España: Editorial MAPFRE, 1992.
- MELIÁ, Bartomeu. *El Guaraní Conquistado y Reduzido: ensayos de etnohistoria*. 3ª Ed. Asunción: CEADUC, 1993.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. "Race et Histoire". *In: Anthropologie Structurale Deux*. Paris: Plon. pp. 377-422, 1973 [1952].
- LITAIFF, Aldo. Sem tekoa não há teko: sem terra não há cultura: estudo e desenvolvimento autosustentável de comunidades indígenas Guaraní. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 115 - 123, jul./dez. 2008.
- MÉTRAUX, Alfred. Migrations hitoriques des tupi-guarani. *Journal de la Société de Americanistes*, Paris, v. 19, p. 1 - 45, 1927.
- MÉTRAUX, Alfred. *Religions et magies indiennes d'Amérique du Sud*. França: Edições Gallimard, 1967.
- MÉTRAUX, Alfred. *A religião dos Tupinambás e suas relações com as demais tribos Tupi-Guarani*. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- MONTOYA, Antonio. Ruiz. *Vocabulário y tesoro de la Lengua Guaraní ó mas bien Tupi*. Viena: Faesy y Frick, 1876.
- NOELLI, Francisco Silva. *Sem Tekohá não há Teko: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guaraní e sua aplicação a uma área de domínio no Delta do Rio Jacuí- RS*. 1993. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1993.
- NIMUENDAJU, Curt. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuva-Guarani*. São Paulo: HUCITEC: EDUSP, [1914] - 1987.
- PISSOLATO, Elisabeth. *A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo Mbya (Guaraní)*. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: NuTi, 2007.

POMPA, Cristina. O profetismo tupi-guarani: a construção de um objeto antropológico. *Revista de Indias*, Espanha, v. 64, n. 230, p. 141 – 174, 2004.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. El Guaraní en Rio Grande do Sul: la colonización del Monte y los frentes de expansión. *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, v. 18, n. 64, p.185-206, 1982.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: Difusão européia do livro, 1972.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: Difusão européia do livro, 1974.

SOARES, Mariana de Andrade. Caminhos para viver o mbya reko: estudo antropológico do contato interétnico e de políticas públicas de etnodesenvolvimento a partir de pesquisa etnográfica junto a coletivos guarani no rio grande do sul. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2012.

SUSNIK, Branislava. *Los aborígenes del Paraguay II: etnohistória de los guaraníes, época colonial*. Assunción: Museu etnográfico Andrés Barbero, 1980 – 1982.

Rosalvo Ivarra Ortiz: Acadêmico regular do Mestrado em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - (PPGH/FFLCH/USP. Pesquisa história indígena, geografia cultural e antropologia com ênfase em arte e cosmologia Guarani em Mato Grosso do Sul, São Paulo e Amazônia continental.

Almires Martins Machado.

Como citar este artigo:

Ortiz, Rosalvo Ivarra; Machado, Almires Martins; “MBYÁ GUARANI EM BUSCA DO YVY MARÃE”Y: MÚLTIPLOS LUGARES E TEMPOS, DIFERENTES CONTEXTOS E ESPAÇOS, TRILHANDO SONHOS E ESPERANÇAS⁷ ” .In REVISTA TRANSVERSOS.

"Dossiê: RELIGIÃO E MUDANÇA SOCIAL ". N° 17, Dezembro, 2019, pp. 84-114

Disponível em <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/transversos/index>>. ISSN 2179-7528. DOI:10.12957/transversos.2019.47292

⁷ Pequena parte deste texto foi publicado inicialmente em 2015- por Almires Martins Machado. Esta versão foi reformulada, onde novos elementos foram incorporados ao texto.